

NÍVEL DE CONHECIMENTO DOS GRADUANDOS SOBRE FÁRMACOS E VACINAS UTILIZADAS PARA PREVENÇÃO E TRATAMENTO DOS SINTOMAS DA COVID-19

Vitória Dekkers Carneiro (PIBIC/FA), Marco Antônio Costa (Orientador), e-mail: ra109737@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Biológicas e da Saúde/Maringá, PR.

Área e sub-área do conhecimento conforme tabela do [CNPq/CAPES](#)
Saúde Coletiva - Saúde Pública

Palavras-chave: COVID-19, fármacos, vacinas.

Resumo:

Para o controle de novas doenças é fundamental que haja a difusão das informações corretas sobre a epidemiologia, medidas de prevenção e novas terapias. Neste contexto, os acadêmicos e profissionais da saúde exercem um papel fundamental. Baseado nestas informações, o objetivo deste trabalho foi avaliar o nível de conhecimento dos graduandos dos cursos da área da saúde da Universidade Estadual de Maringá (UEM) sobre fármacos e vacinas testados contra COVID-19. Foi aplicado um questionário virtual contendo perguntas sobre o conhecimento sobre principais fármacos e vacinas entre os alunos dos diferentes cursos da área da saúde da UEM no ano letivo de 2021. Dos 91 participantes, 66 deles conheciam os fármacos testados para a prevenção e tratamento desta patologia. Destes, os mais citados foram antibióticos, antiparasitários e glicocorticóides. Além disso, 41 deles afirmaram que estas substâncias não tinham aplicação clínica contra o vírus SARS-CoV-2 e 25 participantes desconheciam estes benefícios, enquanto que o principal risco associado a estes fármacos era a hepatotoxicidade. Com relação às vacinas testadas contra COVID-19, todos os entrevistados conheciam a CoronaVac e a Astrazeneca. Desta forma, a ampliação das disciplinas que abordam doenças endêmicas e epidêmicas e estimular os alunos a buscarem as fontes de informações confiáveis pode contribuir para melhorar o nível de conhecimento das vacinas e fármacos e evitar a propagação de notícias falsas.

Introdução

Relatada pela primeira vez na China, a COVID-19 é uma doença respiratória aguda severa que apresenta como seu agente etiológico, um retrovírus denominado SARS-CoV-2 (LI et al., 2020). Entre as diferentes características deste vírus está a alta transmissibilidade entre os humanos, fato que fez com que até o dia 14 de

março de 2022, ele acometesse 456.797.217 pessoas em todo mundo, ocasionando a morte de 6.043.094 deles (Li et al., 2020, OMS, 2020).

Esta alta taxa incidência da COVID-19 está diretamente relacionada com rápida propagação do seu agente etiológico, a qual ocorre por meio de contato com saliva ou secreção nasal liberada pelas pessoas infectadas, além do contato com superfícies e objetos contaminados com o SARS-Cov-2 (; BYRAREDDY, 2020, BAI et al., 2020).

Diante deste cenário, pesquisadores de diversos países têm testado a eficácia de novas substâncias potencialmente ativas contra o SARS-CoV-2 (BORBA et al., 2020, CAO et al., 2020) e mais pessoas têm recorrido à automedicação por meio de fármacos sem atividade terapêutica na prevenção da COVID-19 (HERNANDEZ, et al., 2020, CDC, 2021). Entre estes fármacos estão a Cloroquina, Hidroxicloroquina e Ivermectina, que se utilizadas inadequadamente podem causar sérios danos à saúde do paciente e sobrecarga no sistema hospitalar (PEREIRA et al., 2020, LIMA, 2020, IMPERADOR, 2020).

Um problema que tem se agravado durante a pandemia é a propagação de “fake news” pela mídia. A divulgação destas notícias aumenta o (PASSOS; MORAES FILHO, 2020). Embora a vacinação seja considerada uma medida eficaz na prevenção de diversas patologias, a sua eficácia e segurança têm sido questionadas, predispondo o ressurgimento de doenças infecciosas consideradas erradicadas e dificultando o controle da pandemia por SARS-Cov-2 (HUSSAIN et al., 2018, APS et al., 2018, SANTOS, 2020, VIGDOR, 2020).

Materiais e Métodos

Trata-se de um estudo observacional descritivo quantitativo realizado entre os graduandos matriculados nos cursos de saúde da Universidade Estadual de Maringá, no ano letivo de 2021 (Biomedicina, Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Medicina, Odontologia e Psicologia).

Foi elaborado um formulário eletrônico, na plataforma *Google formulários*®, contendo perguntas objetivas e discursivas subdivididas em seções como, fonte de informação, conhecimento sobre principais fármacos e vacinas testados e/ou utilizados contra o vírus SARS-CoV-2.

Foram analisadas as seguintes variáveis: fontes de informação, uso, conhecimento, aplicação, recomendação, benefícios e riscos dos fármacos utilizados contra COVID-19, conhecimento das vacinas contra COVID-19 e recomendação e intenção da vacinação contra COVID-19.

Os dados foram compilados no *Microsoft Excel 2010*, onde se realizou a estatística descritiva. Para comparações entre os grupos foram utilizados os testes estatísticos Qui-quadrado e G do programa *Bioestat 5.0*, adotando-se o nível de significância de 5% ($p \leq 0,05$).

Resultados e Discussão

É possível observar que as principais fontes de informação na qual os acadêmicos buscam dados sobre COVID-19 eram as redes sociais, notícias,

profissionais de saúde e artigos científicos. Não foram encontrados na literatura trabalhos que avaliassem o nível de conhecimento dos acadêmicos da área da saúde em relação aos fármacos e vacinas testados contra a COVID-19. Nesse contexto, os artigos científicos foram citados por 53 dos 91 acadêmicos. Segundo Azevedo (2001) estas fontes de pesquisa são uma das principais fontes de informações confiáveis.

Quanto ao uso de fármacos para a prevenção e o tratamento da COVID-19, 07,96% dos entrevistados responderam que já utilizaram algum fármaco para esta finalidade. Barros et al. (2020) e Leão et al (2012) descrevem que é fundamental que os profissionais da saúde orientem os pacientes sobre a forma correta de se utilizar estas substâncias para garantir a sua eficácia e a segurança do consumidor. Com relação ao tipo de fármacos utilizados, os mais citados foram a Ivermectina e a Azitromicina.

Estudos revelam que, embora estas substâncias tenham demonstrando efeitos terapêuticos contra a referida virose *in vitro*, não apresentam aplicação clínica, pois, para evitar a multiplicação do vírus em humanos é necessária uma concentração do fármaco acima do nível tolerado pelas pessoas (WONG, 2020, CALY et al., 2020, SCHMITH; ZHOU; LOHMER, 2020, HERNÁNDEZ et al., 2020, BORBA et al., 2020; BESSIERE et al., 2020, FALAVIGNA et al., 2020). Além disso, a Azitromicina quando utilizada de forma errônea pode causar lesão do trato gastrointestinal, náuseas, sintomas cardíacos, alteração neurológico e resistência bacteriana (CORREA; FUKUSHIMA, 2020, RAY et al., 2012, OLIVEIRA; AIRES, 2016).

Resultados semelhantes foram encontrados em outros estudos mostrando o alto uso destes fármacos na pandemia e o risco de seu uso (DE MOURA, 2021; DE OLIVEIRA, 2021)

Nesse ínterim, a maioria dos entrevistados conhece os medicamentos utilizados com essa finalidade ($p=0,0778$) e os mais relatados foram: antibióticos, antiparasitários e glicocorticóides. Ao serem questionados sobre as possíveis aplicações destes fármacos, as respostas mais frequentes eram: antiparasitários, antibióticos e/ou para o tratamento de doenças autoimunes.

Quanto aos benefícios e riscos dos fármacos, aproximadamente 45,05% dos acadêmicos relataram que os estes compostos não tinham aplicação prática na saúde humana. Além disso, 25% afirmaram desconhecer os benefícios destas substâncias. Barros et al. (2020) e Leão et al (2012) descrevem que é fundamental que os profissionais da saúde orientem os pacientes sobre a forma correta de utilizar estas substâncias para garantir a sua eficácia e a segurança. O principal risco apresentado pelos alunos é a hepatotoxicidade (70,12%), a qual pode estar relacionada com a degradação hepática dos fármacos (MATOS; MARTINS, 2005), fazendo que ocorra a suspensão e/ou restrição do uso destas substâncias (WATKINS; SEEFF, 2006).

As vacinas também têm sido amplamente testadas e utilizadas para o controle da pandemia (KRAMMER, 2020, PFIZER, 2020), e quatro delas (Pfizer, Janssen, CoronaVac e AstraZeneca) foram aprovadas para o uso no Brasil (BUTANTAN, 2021). Nesse contexto, todos os entrevistados responderam que conheciam a CoronaVac e a AstraZeneca. Apesar de mais de 95% recomendarem o

seu uso e todos relataram a intenção de se vacinar, ainda há um número significativo de recusa vacinal por conta da divulgação das “fake news” pela mídia, o que tem dificultado o controle, visto que é necessária uma cobertura vacinal de no mínimo 95% da população alvo (BRAZ et al., 2016).

Conclusões

Em torno de 72% dos acadêmicos afirmaram conhecer sobre os principais fármacos testados para a prevenção da COVID-19 e as vacinas em destaque nas redes de comunicação em massa. Embora não tenha respaldo científico sobre a aplicação prática destas substâncias para a COVID-19, 25% deles descreveram algum benefício associado ao uso destas substâncias. Por outro lado, aproximadamente $\frac{2}{3}$ deles descreveram algum risco associado à vacinação..

A ampliação das disciplinas que abordam doenças endêmicas e epidêmicas e suas formas de prevenção e tratamento, bem como, a estimulação dos alunos a buscarem as fontes de informações confiáveis e a divulgação das informações sobre o assunto para os graduandos são algumas das medidas que podem contribuir para melhorar o nível de conhecimento e evitar a propagação de notícias falsas.

Agradecimentos

Agradeço à Fundação Araucária pela bolsa de fomento científico.

Referências

CORREA, L.; FUKUSHIMA, A.R. Potencial Atividade Antiviral da Azitromicina: Revisão sistemática. Ver. **SanarMed**. V03. P 97-99. Sanarcon, 2020.

DE OLIVEIRA, Fabianny Silva; DA SILVA MENDONÇA, Gleyze; DE SOUZA SILVA,. Avaliação de segurança de medicamento off-label utilizados no tratamento da COVID-19:. **Brazilian Applied Science Review**, v. 5, n. 3, p. 1419-1430, 2021.

DE MOURA, Janaína Matos et al. Indicação e uso de azitromicina no tratamento do COVID-19: **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 6, p. 56547-56556, 2021.

HUSSAIN, A.; ALI, S.; AHMED, M.; HUSSAIN, S. The anti-vaccination movement: a regression in modern medicine. **Cureus**, v. 10, n. 7, 2018.

OMS Organização Mundial da Saúde. **Coronavirusdisease (COVID-19) d. 2020**. Disponível em: <<https://covid19.who.int/>> Acesso em 15. mar. 2022.